UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM

CLÍCIA DE ANDRADE LIMA

COMPORTAMENTOS DE MULHERES JOVENS ACERCA DO USO DO PRESERVATIVO MASCULINO PELO PARCEIRO

RECIFE

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE

DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM

CLÍCIA DE ANDRADE LIMA

COMPORTAMENTOS DE MULHERES JOVENS ACERCA DO USO DO PRESERVATIVO MASCULINO PELO PARCEIRO

TCC apresentado ao Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco, Campus Recife, como requisito para a obtenção do título de bacharelado em Enfermagem.

Orientador(a): Dra Tatiane Gomes Guedes
Coorientador(a): Ma. Thayse Gomes de Almeida

RECIFE

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Lima, Clicia de Andrade .
Comportamento de mulheres jovens acerca do uso do preservativo masculino pelo parceiro / Clicia de Andrade Lima. - Recife, 2022.
20, tab.

Orientador(a): Tatiane Gomes Guedes
Cooorientador(a): Thayse Gomes de Almeida
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Ciências da Saúde, Enfermagem - Bacharelado, 2022.

1. Saúde sexual. 2. Saúde da mulher. 3. Infecções sexualmente transmissíveis. 4. Educação sexual. 5. Preservativos. I. Guedes, Tatiane Gomes . (Orientação). II. Almeida, Thayse Gomes de . (Coorientação). III. Título.

610 CDD (22.ed.)

CLÍCIA DE ANDRADE LIMA

COMPORTAMENTOS DE MULHERES JOVENS ACERCA DO USO DO PRESERVATIVO MASCULINO PELO PARCEIRO

TCC apresentado ao Curso de Enfermagem da Universidade Federal de Pernambuco, Campus Recife, como requisito para a obtenção do título de bacharel em Enfermagem.

Aprovado em: ___/___/_____.

BANCA EXAMINADORA

_____
Profº. Dr. Tatiane Gomes Guedes (Orientador)
Universidade Federal de Pernambuco

_____
Profa. Ma. Ryanne Carolynne Marques Gomes
Universidade Federal de Pernambuco

_____
Ma. Priscila de Oliveira Cabral Melo
Universidade Federal de Pernambuco

RESUMO

OBJETIVO: Analisar o comportamento de mulheres jovens acerca do uso do preservativo masculino pelo parceiro. MÉTODO: Trata-se de um estudo descritivo-exploratório, de abordagem quantitativa realizado com 159 mulheres brasileiras com faixa etária entre 18 e 29 anos. Utilizou-se, para a coleta de dados, um questionário eletrônico elaborado por meio do *Google Form*s, o qual continha perguntas relacionadas aso dados sociodemográficos e econômicos, e ao comportamento das mulheres jovens acerca do uso do preservativo masculino pelo parceiro. Além disso, foi realizada análise descritiva das variáveis. Este estudo foi aprovado pelo Comitê de ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Federal de Pernambuco, sob o parecer de Nº5.289.396. RESULTADOS: A maior parte das entrevistadas respondeu ter iniciado a vida sexual na faixa etária entre 15 e 17 anos e 81,1% responderam que os parceiros utilizaram preservativo masculino na primeira relação sexual. 41,5% responderam que o parceiro sempre utiliza preservativo em todas as relações sexuais e 52,8% utilizam o preservativo do inicio ao fim da relação. Evidenciou-se que 91 participantes (57,2%) apresentaram comportamento adequado acerca do uso do preservativo masculino pelo parceiro. CONCLUSÃO: Fatores culturais influenciam o comportamento de mulheres jovens acerca do uso do preservativo masculino pelo parceiro. É importante, pois, realizar estratégias em educação em saúde, de forma precoce, proporcionando o início de vida sexual mais segura.

Descritores: Saúde sexual; Saúde reprodutiva; Saúde da mulher; Infecções sexualmente transmissíveis; Educação sexual; Preservativos.

ABSTRACT

OBJECTIVE: To analyze the young women's behavior regarding the use of male condoms by their partners. **METHOD:** This is a descriptive-exploratory study, with a quantitative approach, carried out with 159 women between 18 and 29 years old. An electronic questionnaire based on Google Forms was used for data collection. **RESULTS:** Most of the interviewees answered that they had started their sexual life between the ages of 15 and 17 years and 81.1% answered that their partners used a male condom at the first sexual intercourse. 41.5% answered that the partner always uses a condom in all sexual relations and 52.8% use condoms from the beginning to the end of the relationship. It was evidenced that 91 participants (57.2%) showed adequate behavior regarding the use of the male condom by the partner. **CONCLUSION**: cultural factors influence young women's behavior regarding the use of male condoms by their partners. It is important, therefore, to carry out strategies in health education, early, providing the beginning of safer sex life.

Descriptors: Sexual Health; Reproductive Health; Women's Health; Sexually Transmitted Diseases; Sex Education; Condoms.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....7

OBJETIVO.....9

MÉTODO 9

RESULTADOS.....11

DISCUSSÃO.....16

CONCLUSÃO.....19

REFERÊNCIAS.....20

INTRODUÇÃO

No Brasil, a Política Nacional de Juventude considera jovem todo cidadão com faixa etária entre 15 e 29 anos (BRASIL, 2018). Nesta fase da vida ocorrem mudanças físicas e comportamentais oriundas do amadurecimento e, entre tais mudanças, pode-se citar as relacionadas à sexualidade (SPINDOLA et al, 2019).

O acesso à saúde sexual e reprodutiva é um direito humano e reflete conquistas relacionadas a cidadania. Nas últimas décadas vem sendo articulada por meio de leis nacionais e internacionais e, também, por criação de políticas públicas no âmbito nacional (BRASIL, 2010). A iniciação sexual precoce da mulher jovem é um fator relacionado à vulnerabilidade à Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e gravidez não planejada. Dados demonstram que a nível mundial, a primeira relação sexual ocorre, em média, aos 17 anos. No Brasil, existe uma tendência atual de iniciação sexual cada vez mais precoce e, frequentemente, sem proteção, sendo a idade média de iniciação sexual de 13,4 anos para os meninos e de 14,2 anos para as meninas (IBGE, 2021). Tal precocidade, associada à falta de informação e despreparo, torna esse grupo em maior vulnerabilidade às IST, além da gravidez não planejada (GONÇALVES et al, 2015). Corroborando com a ideia, estudo realizado no Rio grande do Norte-RN, com 189 mulheres, demonstrou que 56,6% das entrevistadas iniciaram a vida sexual entre 15 e 19 anos (SILVA; CAVALCANTI e NASCIMENTO, 2020).

Estudo realizado traz que a pobreza, violência, desigualdade de gênero, raça e baixa escolaridade estão associados ao crescimento da aids na população jovem, impactando, sobretudo, a sexualidade feminina (SOUZA, MUNÕZ, VISENTINI, 2019). O preservativo masculino é um importante aliado na contracepção e, também, na prevenção das IST/Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV), porém fatores socioculturais e comportamentais influenciam o seu uso ou seu não uso (GUIMARÃES et al,2019).

No contexto da vulnerabilidade de gênero, estudo ressalta que esta está associada à relação de poder que homens exercem sobre suas parceiras, sendo a mulher um mero objeto sexual, privando-as da autonomia da decisão acerca do uso do preservativo, onde deve partir do homem a iniciativa de usar o preservativo, expondo-as a maior vulnerabilidade (SOUZA, MUÑOZ, VISENTIN, 2020). Outra questão influenciável no uso do preservativo são os relacionamentos estáveis. Uma das justificativas de mulheres jovens para o não uso do

preservativo é a casualidade das relações sexuais e a confiança no parceiro (SARMENTO et al, 2021).

O maior tempo de relacionamento é um fator que estimula o não uso do preservativo masculino, onde o ideal de amor romântico faz com que as mulheres se sintam protegidas por acreditarem no conceito de monogamia, podendo ser colocada em dúvida a confiança entre parceiros. Isso faz com que mulheres envolvidas com parceiros fixos sejam as que menos se previnam em relação às IST/HIV (GUIMARÃES et al, 2019).

Dados epidemiológicos indicam que, no Brasil, as mulheres são as principais diagnosticadas com Sífilis, por exemplo, com registro entre 2010 e 2019, de 628.874 casos, o que corresponde a 58,9% dos casos, sendo 47,1% foram registrados como Sífilis adquirida e 52,9% como sífilis em gestante. Em 2019, a razão de sexos foi de sete casos em homens para cada dez casos em mulheres (BRASIL, 2020).

Já em relação ao HIV/Aids, segundo o boletim epidemiológico do Ministério da Saúde, no Brasil de 2000 a 2020 foram detectadas 134.328 gestantes infectadas com HIV, sendo 18,1% procedentes do Nordeste. Ocorreu um aumento de 21,7% na taxa de detecção de HIV em gestantes. Em 2009 foram registrados 2,3 casos/mil nascidos vivos e, em 2019, passou para 2,8/mil nascidos vivos. Nota-se uma tendência de aumento em todas as regiões do Brasil, sendo as regiões Norte e Nordeste as que apresentaram maior índice na taxa, 83% nos últimos 10 anos. Em 2019, Pernambuco foi um dos 12 Estados da Federação que apresentou taxas superiores a taxa nacional de detecção do HIV em gestantes. De 1980 a junho de 2020, o Brasil registrou 346.791 casos de aids em mulheres, o que corresponde a 34,3% dos casos (BRASIL, 2020).

Vários fatores podem influenciar na prática do uso de preservativo masculino nas relações sexuais de mulheres jovens e seus parceiros, por tal motivo faz-se necessário que o profissional de saúde, sobretudo o enfermeiro, identifique fatores que estimulem comportamentos saudáveis levando em consideração o contexto biopsicossocial no qual essas mulheres jovens estão inseridas, para que assim seja possível lançar mão de estratégias para que ocorra a melhora do comportamento dessas mulheres e, com isso, a diminuição dos altos índices de IST nesse grupo populacional.

Diante deste fato, torna-se relevante conhecer os comportamentos de mulheres jovens acerca do uso preservativo masculino pelo parceiro, no intuito de contribuir com o corpo de conhecimento da enfermagem em estratégias de educação em saúde para a promoção da saúde

sexual e reprodutiva desse público, levando em consideração suas vivências e necessidades. Acredita-se que este estudo possa subsidiar o enfermeiro (a), profissional que assiste essa população em diferentes cenários do cuidado, no planejamento e implementação de estratégias que propicie melhor entendimento acerca da dupla função do preservativo masculino. Neste sentido, é oportuno responder o seguinte questionamento: quais os comportamentos de mulheres jovens acerca do uso do preservativo masculino pelo parceiro?

OBJETIVO

Geral:

Analisar os comportamentos de mulheres jovens acerca do uso do preservativo masculino pelo parceiro.

Específicos:

- Caracterizar as participantes quanto aos aspectos socioeconômicos e culturais acerca do uso do preservativo masculino pelo parceiro;
- Verificar os comportamentos de mulheres jovens acerca do uso do preservativo masculino pelo parceiro.

MÉTODO

Estudo do tipo descritivo-exploratório, de abordagem quantitativa realizado com mulheres jovens de diversos estados brasileiros com faixa etária entre 18 e 29 anos. A pesquisa descritiva tem como premissa descrever fatos e fenômenos, sendo utilizada para conhecer características sociais e culturais relacionados à população estudada (TRIVIÑOS, 1987). A pesquisa exploratória objetiva propiciar familiaridade com problema estudado a fim de torná-lo mais perceptível (GIL, 2007). E a pesquisa quantitativa descreve as causas de um fenômeno e a relação de suas variáveis, utilizando a linguagem matemática para tal (FONSECA, 2002).

Para definição do tamanho da amostra, foi utilizada a equação de cálculo de amostra para estudo de proporção em população infinita. Considerou-se nível de significância de 95%, margem de erro na estimativa de 0,5% e prevalência esperada de 50% para o número de mulheres com comportamento adequado, assim, teve-se que o número necessário de elementos para composição da amostra do estudo foi de 159 observações.

Para levantamento dos dados, aplicou-se um instrumento de coleta de dados que detalha e avalia o comportamento de mulheres jovens acerca do preservativo masculino pelo parceiro. As participantes da pesquisa foram recrutadas de forma remota (*online*) por meio de divulgação da pesquisa pela internet (*E-mail, Whatsapp, Facebook, Instagram e LinkedIn* Inc). O questionário contou em sua primeira parte, com dados sociodemográficos e econômicos das participantes. Na segunda parte contemplou perguntas direcionadas ao comportamento frente ao uso do preservativo masculino pelos parceiros, o que totalizou 27 perguntas.

A coleta de dados ocorreu por meio de um questionário autoaplicável do *Google Forms*, enviado juntamente com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Como critérios de inclusão, foram incluídas mulheres com faixa etária de 18 a 29 anos, com início de vida sexual autodeclarada, com acesso à internet e alfabetizadas, ao nível que a permitissem ler e compreender as perguntas realizadas no questionário. Foram excluídas mulheres com qualquer motivo que a impedissem de responder o questionário *on-line* como dificuldade com manuseios eletrônicos.

Em relação ao comportamento das mulheres jovens acerca do uso do preservativo masculino pelo parceiro, foram consideradas as variáveis da seguinte forma: comportamento adequado se a mulher respondeu corretamente seis de 9 perguntas, valor que corresponde a 75% das perguntas.

- **Comportamento adequado**: Utiliza o preservativo em todas as práticas sexuais, utiliza o preservativo durante todo o intercurso sexual, utiliza o preservativo em qualquer tipo de prática sexual, verifica a data de validade do preservativo, abre o preservativo de forma correta.
- **Comportamento inadequado**: Refere que nunca usa ou utiliza às vezes o preservativo durante as relações sexuais, refere que utiliza o preservativo masculino apenas em algumas ocasiões, não utiliza o preservativo durante todo o intercurso sexual, não verifica validade do preservativo, não abre o preservativo segundo instruções do produto.

Os dados foram organizados em planilha do *Microsoft Office Excel for Windows* e submetidos à análise de estatística no Programa EpiInfo versão 3.5.4 e no SPSS versão 22.0. Realizou-se análise estatística descritiva dos dados.

Iniciou-se a pesquisa após concordância do Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), sob o parecer n.º 5.289.396, e respeitaram-se os preceitos éticos da pesquisa com seres humanos de acordo com a Resolução n.º 466/2012 do Conselho Nacional

de Saúde. Também seguiu as recomendações do Ofício circular Nº 2/2021/CONEP/CNS/MS que versa sobre orientações para procedimentos em pesquisa com qualquer etapa em ambiente virtual. Todos os participantes assinaram o TCLE. Tal parecer foi obtido mediante submissão de projeto de pesquisa vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UFPE, edital 2021/2022.

RESULTADOS

Participaram 159 mulheres que atenderam aos critérios de inclusão da pesquisa. A maioria das entrevistadas possuía faixa etária entre 21 a 23 anos, o que corresponde a 34,6% das respostas. Em relação à cor, 51,6% se autodeclararam como pardas; 32,1% brancas, 11,3% pretas, 3,8% amarelas e 1,3% indígenas. Quanto à escolaridade 54,1% responderam ter ensino superior incompleto, 31,4% ensino superior completo, 13,8% ensino médio completo e 0,6% ensino médio incompleto (Tabela 1).

Quando questionadas sobre trabalhos, 35,2% responderam que trabalhavam e 40,3% que eram estudantes. Sobre a renda familiar, 46,5% responderam que recebiam entre 1 a 3 salários mínimos, 25,8% entre 3 e 5 salários mínimos, 20,1% mais que 5 salários mínimos, 6,9% menos de 1 salário mínimo e 0,6% ignoraram a questão. Em relação ao estado civil 60,4% das entrevistadas responderam ser solteiras, 22,6% casadas, 8,2% em união (moram juntos), 6,3% em união estável e 2,5% são divorciadas. Além disso, 83,6% referiram não ter filhos, 14,5% possuir um filho, 1,3% dois filhos e 0,6% com três ou mais filhos (Tabela 1).

Sobre a religião, a maioria declarou ser cristã 82,4%, (nesta categoria estão inclusas as religiões católicas, evangélicas e espíritas). Algumas referiram não ter religião (11,9%), seguido das que referiram ser agnósticas (5,0%), e as demais referiram seguir o Candomblé (0,6%) (Tabela 1).

No que se refere aos aspectos relacionados à moradia, 56,6% das entrevistadas referiram residir em Alagoas, 37,7% em Pernambuco, 2,5% em São Paulo, 1,3% no Rio de Janeiro e as que moravam na Paraíba, Santa Catarina e Roraima representavam 0,6% (Tabela 1).

Tabela 1: Dados sociodemográficos das participantes do estudo. Recife-PE, 2022.

VARIÁVEIS	n	%
IDADE		

18-20 Anos	14	8,7
21-23 Anos	55	34,6
24-26 Anos	53	33,5
27-29 Anos	37	23,2
COR		
Preta	18	11,3
Parda	82	51,6
Branca	51	32,1
Amarela	06	3,8
Indígena	02	1,3
ESCOLARIDADE		
Ensino fundamental completo	01	0,6
Ensino médio completo	22	13,8
Ensino Superior Incompleto	86	54,1
Ensino superior completo	50	31,4
TRABALHO		
Sim	56	35,2
Não	15	9,4
Sou estudante	64	40,3
Estudo e trabalho	24	15,1
RENDA FAMILIAR		
< 1 salário mínimo	11	6,9
Entre 1 e 3 salários mínimos	74	46,5
Ente 3 e 5 salários mínimos	41	25,8
Mais que 5 salários mínimos	32	20,1
Ignorada	01	0,6
ESTADO CIVIL		
Solteira	96	60,4
Casada	36	22,6
União Estável	10	6,3
Moram Juntos	13	8,2
Divorciada	04	2,5
NÚMERO DE FILHOS		
Nenhum	133	83,6
Um filho	23	14,5
Dois filhos	02	1,3
Três ou mais filhos	01	0,6
RELIGIÃO		
Cristã	131	82,4
Agnóstica	08	5,0
Sem religião	19	11,9
Candomblé	01	0,6
ESTADO ONDE RESIDE		
Alagoas	90	56,6
Pernambuco	60	37,7
Rio de Janeiro	02	1,3
São Paulo	04	2,5

Santa Catarina	01	0,6
Paraíba	01	0,6
Roraima	01	0,6

Fonte: Autora, 2022

Em relação ao início da vida sexual, maior parte das entrevistadas respondeu ter iniciado na faixa etária entre 15 e 17 anos, seguida da faixa etária entre 18 e 20 anos, tendo sido a idade de 12 anos referida como a menor para início da vida sexual (Tabela 2). Quando perguntadas se na primeira relação sexual o parceiro utilizou preservativos masculino, 18,9% das entrevistadas responderam que não, enquanto 81,1% responderam que utilizaram (Tabela 2). A maioria (63,5%) das mulheres entrevistadas relataram ter tido mais de um parceiro sexual na vida, enquanto 36,5% afirmaram ter tido apenas um parceiro sexual na vida. Grande parte (81,8%) das mulheres responderam ter parceiros fixos, enquanto 18,2% responderam não ter parceiros fixos. Em relação à quantidade de parceiros sexuais no último ano, 79,2% referiram ter apenas um parceiro sexual no último ano, além disso, 45,9% das participantes responderam ter relação sexual entre uma e duas vezes por semana.

Tabela 2: Início de vida sexual das participantes do estudo. Recife- PE, 2022

Variáveis	**N**	**%**
Idade de início da vida sexual		
12- 14 Anos	09	5,6
15-17 Anos	70	44
18-20 Anos	56	35,2
21-23 Anos	17	10,7
24-27 Anos	07	4,4
Utilizou preservativo masculino na primeira relação sexual		
Sim	129	81,1
Não	30	18,9

Fonte: Autora, 2022.

Quanto ao uso do preservativo, 41,5% das mulheres responderam que o parceiro sempre utiliza o preservativo em todas as relações sexuais, 39,6% afirmaram utilizar em algumas relações sexuais e 18,9% nunca utilizar (Tabela 3). Mais da metade (52,8%) das participantes responderam que o parceiro utiliza o preservativo masculino do início ao fim das práticas sexuais, enquanto 47,2% não utilizam sempre do início ao fim de todas as práticas sexuais.

Em relação aos cuidados no uso do preservativo masculino, quando perguntadas como elas e os parceiros abrem a embalagem do preservativo, 86,8% responderam utilizar a própria mão abrindo na marcação indicada (Tabela 3). Quanto à validade, 57,9% responderam que elas e seus parceiros observam a data de validade do preservativo, enquanto 18,2% responderam que não observam a data de validade e 23,9% respondeu que às vezes. Quase todas (97,5%) as entrevistadas responderam que não utilizaram mais de um preservativo ao mesmo tempo, porém, 1,9% responderam que "sim" e 0,6% "às vezes".

Quando perguntadas se já deixaram de praticar sexo por ter alguma insegurança quanto ao preservativo masculino, 58,5% responderam que "não", 35,8% responderam que "sim" e 5,7% responderam que "às vezes". Quando questionadas se elas e seus parceiros já haviam dispensado o uso do preservativo masculino quando a relação deixou de ser casual, 57,2% responderam que "sim", 35,8% responderam que "não" e 6,9% responderam "às vezes" (Tabela 3). Ademais 66% das entrevistadas responderam já ter deixado de praticar sexo por falta de preservativo masculino, 29,6% responderam que "não" e 4,4% "às vezes".

Das entrevistadas, 19,5% responderam que já praticaram sexo sem o preservativo masculino porque o parceiro não gostava, 73% responderam que nunca deixaram de usar o preservativo por este motivo e 7,5% responderam "às vezes" (Tabela 3). Quando perguntadas se já partiu dela a atitude de usar o preservativo masculino, 88,7% disseram "sim", 10,1% disseram "não" e 1,3% "às vezes" (tabela 3). Ao todo 42,8% das entrevistadas apresentaram um comportamento inadequado acerca do uso do preservativo masculino pelo parceiro, enquanto 57,2% apresentam um comportamento adequado (Tabela 4).

Tabela 3- Comportamento de mulheres acerca do uso do preservativo pelo parceiro. Recife- PE, 2022.

Variáveis	N	%
Uso do preservativo masculino nas relações sexuais		
Sempre	66	41,5
Às vezes	63	39,6
Nunca	30	18,9
Como costuma abrir a embalagem do preservativo		
Utilizo os dentes	09	5,7
Utilizo as próprias mãos e abro em qualquer lugar	11	6,9
Utilizo as próprias mãos e abro no local indicado	138	86,8

Ignorado	01	0,6
Uso do preservativo quando a relação deixa de ser casual		
Sim	91	57,2
Não	57	35,8
Às vezes	11	6,9
Já deixou de utilizar o preservativo porque o parceiro não gosta		
Sim	31	19,5
Não	116	73
Às vezes	12	7,5
Já partiu da entrevistada a atitude de usar o preservativo masculino		
Sim	141	88,7
Não	16	10,1
Às vezes	02	1,3

Fonte: Autora, 2022.

Tabela 4 - Comportamento adequado ou inadequado acerca do uso preservativo masculino pelo parceiro. Recife-PE, 2022.

Variáveis	**N**	**%**
Comportamento Adequado	91	57,2%
Comportamento Inadequado	68	42,8%
Total	159	100

Fonte: Autora, 2022.

DISCUSSÃO

Mediante o perfil encontrado, percebe-se que, em sua maioria, as participantes se declaram pardas, cristãs, solteiras, sem filhos, estudantes com ensino superior incompleto e residem no nordeste brasileiro. Estudos sobre o contexto de vulnerabilidade de gênero demonstram que fatores como raça, acesso à educação e outros fatores culturais, tais como o machismo, expõem as mulheres, especialmente as mulheres pretas, a situações de vulnerabilidade e exposição às ISTs (SOUZA, MUNÕZ, VISENTINI, 2019).

A média de idade para início da vida sexual das entrevistadas corrobora o estudo que demonstra a média de idade de 17 anos, a nível mundial, para primeira relação sexual (IBGE,

2019). Outro estudo, realizado com jovens brasileiros entre 15 a 24 anos em São Paulo, demonstrou que a iniciação sexual das mulheres entrevistadas ocorreu em média aos 16 anos (GUTIERREZ et al, 2019).

Esses dados também trazem a reflexões acerca da importância da educação sexual ocorrer mais cedo para que essas mulheres possam iniciar suas vidas sexuais de forma segura e empoderada, o que pode ocorrer mediante intervenções de educação em saúde implementadas, por exemplo, em programas como o Programa Saúde na Escola (PSE), no qual a Atenção Básica se une a escolas e profissionais de saúde, especialmente, o enfermeiro, para atuar como educadores e promotores de saúde. A escola, nesse sentido, torna-se um ambiente possível de construir conhecimentos seguros acerca da temática em questão, visto que muitas vezes tais conhecimentos não são abordados com a família (BATISTA et al, 2021).

Sobre o uso do preservativo masculino, um ponto positivo verificado no estudo foi que, a grande maioria das entrevistadas respondeu que o parceiro utilizou preservativo masculino em sua primeira relação sexual, resultado que converge com um estudo realizado no Rio Grande do Norte, que evidenciou em 69,1% das mulheres entrevistadas o uso do preservativo masculino na primeira relação sexual e sendo 37,9% adeptas ao preservativo masculino como método contraceptivo (SILVA, CAVALCANTI e NASCIMENTO, 2020). Entretanto, é preocupante quando se analisa o quantitativo de mulheres que os parceiros deixaram de utilizar o preservativo quando a relação deixou de ser casual, fato que conflui com um estudo que apresentou o ideal romântico, onde casais que estão juntos há muito tempo e encaram suas relações como monogâmicas, acreditando que não fazem parte do grupo de risco para IST/HIV, tornando-se um dos grupos que menos se previnem (GUIMARÃES et al, 2019).

Ademais, a discussão do uso do preservativo masculino entre os casais pode impactar na confiança da relação, onde a fidelidade entre o casal é tomada como fator de proteção contra as IST, não havendo possibilidade de debate aberto entre os casais, por medo de colocar o relacionamento em risco (GUIMARÃES et al, 2019).

Evidenciou-se que mais da metade das entrevistadas não utilizam o preservativo em todas as relações sexuais e destas, quase metade respondeu ser casadas, viver em união ou estar em união estável. Essas informações corroboram os dados de outro estudo, onde 37,5% das mulheres participantes relataram que seus parceiros usam raramente ou nunca usaram preservativo masculino nas relações sexuais, sendo estas casadas ou vivendo com companheiros (SOUZA, MUNÕZ, VISENTINI, 2019).

Apesar de mais da metade das participantes afirmar que seus parceiros utilizam o preservativo do início ao fim do ato sexual, uma grande quantidade informou não utilizar durante

toda a relação, dando uma ênfase a função anticoncepcional do preservativo masculino, não levando em consideração que se não utilizado do início ao fim da prática sexual seu efeito diminui, além de não levarem em consideração a função de prevenção a ISTs, que o preservativo masculino desempenha. Este fato também reforça os dados do estudo realizado em Minas Gerais, onde ocorre a associação do uso do preservativo como, apenas, função contraceptiva. Poucas vezes se referem a proteção contra IST e associam seu uso a diminuição do prazer sexual, ao tempo de relacionamento e ao tipo de relação afetivo sexual (GUIMARÃES et al, 2019).

Outro ponto importante é que, apesar de mais da metade das mulheres que participaram dessa pesquisa afirmarem que seus parceiros não deixaram de usar o preservativo porque o companheiro não gosta, uma parcela considerável deixou de usar, refletindo os arcabouços socioculturais envolvidos nesta questão. O uso do preservativo relacionado ao gênero expõe a questão da hierarquia das relações de gênero, onde a mulher está subordinada a vontade do homem de não utilizar o preservativo (GUIMARÃES et. al., 2019).

Todos esses achados corroboram estudo que utilizou dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) do ano de 2019, que evidenciou que 20,9% das mulheres entrevistadas não fizeram um uso adequado do preservativo nos últimos 12 meses, além disso, 34,2% das mulheres participantes na faixa etária de 18-29 anos referiram não ter utilizado o preservativo nenhuma vez. A pesquisa mostra que o principal motivo para o não uso do preservativo relatado pelos participantes foi a confiança no parceiro, que correspondeu a 73,4% das respostas, além desse fator, também foram citados o uso de outros métodos contraceptivos e por não gostar de usar o preservativo. O estudo ainda cita fatores como: parcerias estáveis, percepção pessoal de baixo risco de contrair IST, falta de apoio social, baixo poder de negociação, em especial para as mulheres, e equívocos quanto ao uso do preservativo, como influenciadores em relação às pessoas que usam menos preservativo (MENDES et al, 2021).

Apesar desses resultados, um achado importante nesta pesquisa foi o fato de mais de 80% das entrevistadas terem afirmado que já partiu delas a atitude de usar o preservativo masculino na relação sexual, reflexo da importância da educação sexual e, também, das mudanças que vêm ocorrendo na sociedade, embora esta ocorra de forma lenta, uma vez que as mulheres enfrentam uma desvantagem em relação ao poder de escolha do uso do preservativo em suas relações sexuais, visto que o poder de escolha é direcionado ao homem, reforçando o conservadorismo no que tange o diálogo das parcerias sexuais (NASCIMENTO, CAVALCANTI, e ALCHIERI, 2017).

Detectou-se, ainda na pesquisa, que houve um grande número de participantes que não possuem um comportamento adequado no uso do preservativo masculino. Dado que reflete a

necessidade de investimentos na educação sexual e reprodutiva para essa população. A educação sexual é um direito humano, visto que faz parte dos direitos sexuais e reprodutivos e possui uma função emancipatória. Uma educação sexual de qualidade é capaz de instruir cientificamente acerca da sexualidade, podendo direcionar as mulheres que a recebem a exercê-la de forma autônoma, além de combater ideias e transforma-las, construindo assim uma vida sexual mais saudável e propiciando as mulheres segurança de seus direitos sexuais e reprodutivos (SANTOS, 2020).

CONCLUSÃO

O estudo possibilitou analisar o comportamento das mulheres jovens acerca do uso do preservativo masculino pelos parceiros. Apesar de a maioria das participantes terem apresentado comportamento adequado, uma considerável parcela das participantes apresentou comportamento inadequado.

Ressalta-se a necessidade de trabalhar essa temática seja em escolas por meio de programas de educação em saúde para preparar essas jovens para o início de uma vida sexual de forma saudável, como também em outros locais, como nas universidades, a fim de proporcionar um comportamento adequado para aquelas que ainda mais cedo não tiveram acesso à educação sexual de qualidade. Além disso, se faz necessário fortalecer as políticas de saúde que atendem as mulheres do nosso país a fim de emponderá-las acerca de sua saúde sexual e reprodutiva, levando em consideração a precoce iniciação sexual destas. Por fim, sendo o enfermeiro um profissional que atua junto a essa população nos diferentes cenários do cuidado, especialmente na atenção básica, é necessário atuação mais efetiva no que se refere as ações de educação em saúde direcionadas à saúde sexual e reprodutiva desse grupo específico.

Ademais, salienta-se a necessidade de mais estudos sobre o comportamento de mulheres jovens acerca do uso do preservativo masculino pelos parceiros, a fim de conhecer outras variáveis que podem influenciar no uso e não uso deste método, além de ampliar e fortalecer estratégias educativas promovendo, assim, uma prática sexual mais segura para esta população.

REFERÊNCIAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Atenção a Saúde. **Departamento de Atenção Básica. Saúde sexual e saúde reprodutiva.** Brasília: Ministério da Saúde, 2010. Disponível em: <https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/saude_sexual_saude_reprodutiva.pdf> Acesso em: 05 de maio de 2021.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Boletim Epidemiológico de HIV e Aids.** Brasília: Ministério da Saúde, 2020.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. .**Boletim Epidemiológico Sífilis**. Brasília: Ministério da Saúde, 2020.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007

GONÇALVES, H. et al. Início da vida sexual entre adolescentes (10 a 14 anos) e comportamentos em saúde. **Revista Brasileira de Epidemiologia [online].** 2015, v. 18, n1 , pp. 25-41. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-5497201500010003>Acesso em 13 de outubro de 2022

GUIMARAES, DA, et al. Dificuldades de utilização do preservativo masculino entre homens e mulheres: uma experiência de rodas de conversa. **Estud. psicol**. , Natal , v. 24, n. 1, p. 21-31, mar. 2019 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2019000100003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: 09 de Maio de 2021.

GUTIERREZ EB et al. Fatores associados ao uso do preservativo em jovens- Inquerito de base populacional**. Revista Brasileira de Epidemiologia [online].** 2019, v. 22. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1980-549720190034>. Acesso em 21 de outubro de 2022

IBGE- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA, **PeNSE- Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar**, Rio de Janeiro, 2021. Disponivel em <https://biblioteca.ibge.gov.br/index.php/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=2101852> acesso em 13 de Outubro de 2022.

MENDES, MSF et al. Sexual behaviors and condom use in the Brazilian population: analysis of the National Health Survey, 2019. **Revista Brasileira de Epidemiologia** [**online].** 2021, v. 24, suppl 2. Disponível em <https://doi.org/10.1590/1980-549720210018.supl.2> .Acesso em 21 de Outubro de 2022

SANTOS, E.V.L**. A educação sexual como ferramenta de combate à objetificação da mulher negra**. Orientador: Milani, D.R.C. 2020. 104 pág. Dissertação (Mestrado) – Educação Sexual, Programa de Pós-Graduação em Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras,

Unesp/Araraquara- SP, 2020. Disponível em:< https://repositorio.unesp.br/handle/11449/192086> Acesso em: 27 de Outubro de 2022.

SARMENTO MSRA et al. Comportamentos sexuais e o uso de metodos contraceptivos em universitarias da area da saude. **REME – Rev Min Enferm**. 2018. Disponivel em: http://reme.org.br/artigo/detalhes/1248. Acesso em: 31 de outubro de 2021.

SILVA, AWP; CAVALCANTI, MAF; NASCIMENTO, EGC. O conhecimento e uso de métodos anticoncepcionais por mulheres nordestinas. **Revista de APS- Atenção Primária à Saúde**. 2020. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/ppgsaudecoletiva/wpcontent/uploads/sites/143/2021/03/15837-Texto-do-artigo-126756-1-6-20200820-PRL.pdf>. Acesso em: 09 de maio de 2021.

SOUZA, FMA; MUNÕZ, IK; VISENTINI, IC. Contexto de vulnerabilidade de gênero no uso do preservativo masculino. **Humanidades & Tecnologia (FINOM).** v. 20, n. 1, pag 243-267.2020.Disponívelem:<http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/view/1004/723> Acesso em: 09 de maio de 2021.

SPINDOLA, T., OLIVEIRA, CSR, SANTANA, RSC, et al. Práticas sexuais, Conhecimento e Comportamento dos Universitários em relação às Infecções Sexualmente Transmissíveis. **Rev. Pesqui. (Univ. Fed. Estado Rio J., Online**. 2019. out/dez. Disponível em: http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/view/6845/pdf_1. Acesso em: 02 de Novembro de 2021.

TRIVIÑOS, A. N. S**. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.